



## “Meu pedacinho de céu”: a região rural de Joinville narrada pelas suas mulheres

**Maria Elisa Horn Iwaya<sup>1</sup>; Janine Gomes da Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Esta pesquisa é um desdobramento do Projeto “Memórias da cidade... Diferentes olhares para o patrimônio cultural de Joinville” desenvolvido no correr do ano de 2008, sob orientação da Professora Doutora Janine Gomes da Silva, e financiamento pelo FAP/UNIVILLE. Tem como objetivo problematizar, questões relacionadas à agricultura familiar da região rural de Joinville, bem como, os modos de fazer tradicionais desta região e o impacto que as mudanças ocorridas na cidade em virtude da crescente industrialização e a implementação do Turismo-Rural ocasionaram no cotidiano de mulheres e homens. Para efetivação da pesquisa, foi realizado uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e levantamento de dados, principalmente no acervo do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ. Devido a pouca produção teórica que enfoque esta temática, levando em consideração a importância do trabalho de mulheres e homens na agricultura familiar e nos programas de turismo rural na cidade, está-se trabalhando com a metodologia da História Oral, por meio de entrevistas, concedidas por mulheres preferencialmente pertencentes aos Grupos de Desenvolvimento da Mulher Rural (GDMR), da Fundação Municipal de Desenvolvimento Rural 25 de Julho. Estas narraram histórias sobre as transformações ocorridas em suas práticas no trabalho agrícola, bem como as mudanças sentidas com o crescente êxodo rural e a política de 1992 que tinha por objetivo incentivar a adesão das famílias do campo ao ciclo do turismo-rural. A partir da análise das entrevistas podem-se problematizar as práticas cotidianas e confrontá-las frente ao disposto pelas peças publicitárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, Memória e Região rural.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao desenvolver um projeto de iniciação científica em História sobre as memórias da cidade de Joinville, com um plano de trabalho voltado a região rural<sup>3</sup> constatei o rico valor dos depoimentos dos seus habitantes que contrasta com a pouca publicação a respeito. Um dos pontos recorrentes nas falas dos (as) entrevistados (as) é a questão da dificuldade de se manter ligado à terra uma vez que a mão-de-obra, antes exclusivamente familiar, foi progressivamente “abandonando” o campo, e com o implemento da industrialização, *modernizações* e aprimoramentos técnicos exigidos pela vigilância sanitária, muito das suas características tradicionais foram *perdidas ou modificadas* de

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano do Curso de História – UNIVILLE, bolsista PIBIC/UNIVILLE.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de História – UNIVILLE, orientadora.

<sup>3</sup> Como pesquisadora bolsista FAP/Univille do projeto de pesquisa em desenvolvimento, intitulado “Memórias da cidade... Diferentes olhares para o patrimônio cultural de Joinville”, sigla MEMO 2, coordenado pela Profa. Dra. Janine Gomes da Silva. Neste trabalho o foco eram as memórias de mulheres articuladas principalmente em torno da Fundação 25 de Julho, nas localidades da Estrada Bonita, Estrada Mildau e Quiriri. Foram feitas estas escolhas por sugestão da própria fundação, visto a impossibilidade de cobrirmos em um trabalho inicial toda a sua extensão. Nota-se que só em torno da Fundação existem agrupados 22 grupos de Desenvolvimento da Mulher Rural (em um total de 500 participantes) e que nestes grupos não estão incluídas as mulheres e homens que fazem parte dos programas de Turismo Rural. Fundação 25 de Julho. In: [http://www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=202&Itemid=226&lang=](http://www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=202&Itemid=226&lang=). Acesso Setembro / 2008.

forma drástica. A constante “aproximação” da cidade em direção ao campo contribui para este processo.

Para exemplificar estas perdas, pode-se citar o queijo branco (queijinho), *tipicamente* produzido na região rural e que, por não passar em sua receita tradicional por nenhum processo de pasteurização está com os seus dias contados. Outro exemplo é o melado-batido que era produzido de forma artesanal e atualmente é feito de forma mecanizada e, segundo relatos, teve sua forma incorporada a elementos que colocam em risco seu sabor e qualidade.

A região rural de Joinville foi por muito tempo negligenciada pela historiografia local, e como consequência disto, percebe-se a carência de fontes que nos possibilitem olhares múltiplos para este cenário. Niehues nos lembra que em decorrência do pequeno incentivo a pesquisa em história na cidade, por parte das instituições de ensino, esse papel foi “assumido” pelas empresas, e este seria um fator que colabora para a “constituição e divulgação de uma história oficial voltada aos interesses de uma minoria que tenta imprimir na população um caráter de *nobreza vocacionada* ao trabalho”. (NIEHUES, 2006) Nesta *história oficial* de Joinville, que anuncia em sua publicidade a “força produtiva industrial” a participação da mulher e do homem que se dedicam a agricultura é menosprezada.

Este aparente “isolamento” das áreas rurais contribui para que seus habitantes preservem certo “modo de vida tradicional”, próximo aos dos imigrantes (NIEHUES, 2006, p. 5). O Estado de Santa Catarina tem especificidades no que diz respeito à divisão de terras, na parte litorânea predominaram as pequenas propriedades em contraposição a região oeste, onde se desenvolveu com mais intensidade o modelo latifundiário. O “colono”<sup>4</sup>, neste cenário, por muito tempo trabalhou de modo familiar e com objetivo de auto-sustento, quando muito, da venda do excedente ou de troca com vizinhos. Nota-se que esta prática tem diminuído significativamente, e esta é uma das preocupações que faz voltar-nos a região rural.

Com o êxodo do “colono” do meio rural, impulsionado por políticas governamentais que procuravam desenvolver o setor industrial do país nas décadas de 1960 a 1980, desenvolveu-se a chamada “modernização” do campo, ou “revolução verde”. Em Joinville este processo gerou o que Lohn chamou de “a vitória da cidade sobre o campo” (LOHN, 1999, p. 42), levando a um novo fluxo migratório, por vezes pendular, principalmente de jovens, seduzidos pelos anúncios publicitários que anunciavam a “Manchester Catarinense”, como uma cidade feliz e florida. Giralda Seyferth, ao analisar a “proletarização do campesinato” no Vale do Itajaí, caracterizou este processo de permanência no meio rural, com a manutenção de agricultura de subsistência, somado ao deslocamento ao meio urbano, para o desenvolvimento do trabalho fabril, que garante ao trabalhador a aquisição de bens de consumo antes *impensáveis* como “a dupla condição de colonos e operários” (SEYFERTH, 1984). Assim, passando a agricultura a ser desenvolvida apenas “em tempo parcial”<sup>5</sup>, uma vez que este novo colono divide seu tempo de trabalho entre a fábrica e a “roça” quais são as *perdas* que temos com reação a alimentação, habitações, e aos “modos de criar, fazer, viver”, patrimônios que são materiais e imateriais. E quais as políticas que tem, recentemente procurado “redescobrir” o pequeno agricultor, como modo de inseri-lo no turismo-rural e assim “reinventar” sua tradição? Esta política<sup>6</sup> influencia de modo positivo a vida do “colono” ou agrava seu quadro? Qual a *história* que esta reafirma? Tais questões estão em consonância com as

---

<sup>4</sup> Denominação dada pelos próprios moradores da região rural, conforme entrevistas concedidas ao Projeto MEMO2.

<sup>5</sup> Este termo foi *substituído* nos anos oitenta pelo “pluriatividade”, de Sérgio Schneide (2003, p. 78) que se propõem a analisar o modo pelo qual as unidades rurais combinavam a agricultura com outras atividades.

<sup>6</sup> Segundo Gonçalves (2007, p. 214), destaca-se que “[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado”.

observações de Gonçalves quando menciona que “nas análises dos modernos discursos do patrimônio cultural, a ênfase tem sido posta no seu caráter ‘construído’ ou ‘inventado’. Cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente o seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória.” (GONÇALVES, 2007).

Entrelaçar narrativas da região rural, memórias, tradição e gênero são objetivos deste projeto, que procura positivar relações em que “os poderes se invertam” a fim de contribuir com a historiografia local e com os estudos que utilizam o gênero como categoria de análise.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para efetivação da pesquisa, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica, com a análise de produções sobre gênero, história de Joinville, memória, história oral, patrimônio histórico e cultural; realizou-se também uma pesquisa documental e um levantamento de dados, principalmente no acervo do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ. Em razão da escassez de fontes documentais que enfoquem esta problemática, trabalhamos com a metodologia da história oral, por meio de entrevistas, concedidas por mulheres preferencialmente nascidas antes da década de cinquenta, que podem de modo privilegiado, narrar histórias sobre a cidade de Joinville, suas transformações e permanências.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Continuidades e Descontinuidades fazem-se notar nas narrativas dos (as) entrevistados (as), com destaques, por vezes saudosistas, mas que nos auxiliam a desenhar o antigo traçado da cidade, transitar por suas ruas, ainda sem calçamento, de poucas habitações e estabelecimentos comerciais, revelando seus territórios e espaços de sociabilidades

Direcionando o olhar para a Estrada Bonita, Estrada Mildau e Quiriri, pertencentes à localidade de Pirabeiraba, ainda pouco problematizada pela historiografia local, percebemos traços recorrentes em muitas das falas de nossas entrevistas, como a inexistência de um período de *infância*, uma vez que este está geralmente associado ao trabalho na agricultura familiar, bem como o crescente abandono desta atividade pelas novas gerações, que se voltam (por opção ou falta dela) ao trabalho assalariado em empresas ou indústrias

Esta crescente industrialização não afeta só a parte física da região rural, poluindo seu ar e contaminando seus riachos, mas também contribui para o que muitas (os) entrevistadas (os) apontam como “perdas” do seu patrimônio material e imaterial.

Este progressivo avanço da cidade sobre o campo, que faz brotar fábricas e chaminés, no lugar antes destinado as pequenas propriedades e as plantações, é sentido pelos moradores das estradas rurais, como bem resume o senhor Paulo Witt, nascido e criado na região da Estrada Bonita; “*Antigamente o colono vendia pra cidade, hoje a cidade vende pro colono*”<sup>7</sup>.

Ao utilizarmos a questão de gênero como categoria de análise histórica para investigar o papel da mulher nesta sociedade, seus “domínios” e trabalhos, indagamos se o espaço destinado para homens e mulheres é equivalente, uma vez que nota-se que a mulher no meio rural não se limita a atuação doméstica, mas participa ativamente, e por vezes lidera a organização da agricultura-familiar.

---

<sup>7</sup>(WITT, Paulo. Entrevista concedida à Valéria K. Esteves e Maria Elisa Horn Iwaya, Joinville, 04 de Novembro de 2008)

Nestas memórias de mulheres despontam representações que os remetem aos espaços de sociabilidades e divertimento na região rural, com destaque para “as festas típicas” e “tradicionais” que enaltecem um passado de “berço germânico”. O modo como estas tradições são (re) inventadas e (re) significadas, apontado na obra de Hobsbawm, fica evidenciado em algumas narrativas de personagens, que de certa forma, ao longo da suas trajetórias de vida procuraram influenciar neste processo.

Ainda refletindo sobre a imaterialidade patrimonial e buscando compreender como se constroem as representações sobre o feminino na região rural, incluímos no nosso roteiro questões sobre o cotidiano destes homens e mulheres, sua alimentação, a questão dos partos e benzimentos e dos cuidados com o corpo.

#### 4 CONCLUSÃO

Este estudo aponta para a multiplicidade de temas ainda em aberto e que não foram devidamente problematizados pela historiografia local. Questões que envolvem discussões sobre tradição, mito fundador, território, gênero, etnia e aspectos do cotidiano, dos “modos de fazer” e do patrimônio cultural, sobretudo em sua imaterialidade. Não tem pretensão de traçar nenhuma verdade incontestada, mas sim lançar algumas pistas sobre a possibilidade da utilização da metodologia da História Oral entremeada com a questão de gênero a fim de perceber as características da região rural, bem como o modo como esta reagiu ao processo de industrialização.

#### REFERÊNCIAS

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.) **A invenção das tradições**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. A cidade contra o campo. In: BRANCHER, Ana (Org) **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário**: lembranças de Migrantes. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. Joinville rural: o lugar esquecido pela história e valorizado pelo turismo. Disponível em: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=11320>  
Acesso: Setembro/2008.

SCHNEIDE, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre. UFRGS, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Aspectos da proletarização do campesinato no Vale do Itajaí (SC). Os colonos operários. In: LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura e Identidade Operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1984.